

*E chamo por
você através
do céu*

*Reynaldo
A. Ribeiro*



*E chamo por
você através
do céu*

*Reynaldo
A. Ribeiro*



*E chamo por
você através
do céu*

*Reynaldo
A. Ribeiro*

© Reynaldo A. Ribeiro

Editora executiva: Cassia Oliveira

Projeto gráfico: Michael Vasconcelos

Impressão: Forma Certa

1ª Edição – setembro de 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ribeiro, Reynaldo Aparecido

E chamo por você através do céu / Reynaldo Aparecido
Ribeiro. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2019.

148 p.

ISBN: 978-85-7142-044-1

1. Ribeiro, Reynaldo Aparecido - Autobiografia I. Título

CDD 920

19-1903

Índices para catálogo sistemático:

1. Autobiografia

EDITORIA RECANTO DAS LETRAS

editorarecantodasletras.com.br

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

*Dedicado à Solange Gomes Ribeiro,
minha esposa e eterna fonte de inspiração.*

Sumário

| | |
|----------------------------------|----|
| Agradecimentos | 8 |
| Prefácio..... | 9 |
| As lembranças | 10 |
| Conquistando espaços | 12 |
| A influência musical | 14 |
| O fim da infância | 16 |
| Mudando o visual..... | 18 |
| Formando a minha turma..... | 19 |
| Por quê?..... | 21 |
| Horizontes do rock and roll..... | 23 |
| Formatura da turma de 1974..... | 25 |
| Liberdade para escolher..... | 27 |
| A menina do copo d'água | 30 |
| Um novo sentido na vida..... | 33 |
| O ar que eu respiro | 36 |
| A moto | 38 |
| O baseado..... | 40 |
| O casamento | 41 |
| Nossos votos..... | 43 |
| Despedida de solteiro I..... | 45 |
| Despedida de solteiro II..... | 47 |
| Na alegria e na tristeza | 49 |
| Na riqueza e na pobreza..... | 52 |
| A oportunidade | 55 |
| Saindo do fundo do poço..... | 58 |
| Juntos somos mais fortes | 61 |
| O pacto | 62 |
| Os espinhos | 63 |
| Quem casa, quer casa!..... | 64 |
| Criando asas | 66 |
| Final de semana em Peruíbe | 68 |

| | |
|--|-----|
| Pra sempre minha menina | 72 |
| A enfermidade | 73 |
| A fé revelada | 74 |
| Tempo de incertezas..... | 77 |
| Acalme-se..... | 80 |
| O cruzeiro..... | 82 |
| Casa no campo..... | 85 |
| O camaleão..... | 87 |
| Gratidão | 89 |
| Falsas esperanças..... | 91 |
| O fim de uma jornada | 92 |
| Fugacidade..... | 96 |
| Na saúde e na doença | 100 |
| Um Natal diferente..... | 104 |
| Quando nasce uma criança | 105 |
| Minha guerreira | 107 |
| Tempo de recomeçar?..... | 108 |
| Às vezes eu sinto vontade de gritar..... | 110 |
| Eu fui feito pra te amar | 112 |
| Se eu tivesse o tempo..... | 113 |
| Sempre ao seu lado..... | 115 |
| Minha estrela | 117 |
| Desistir... jamais! | 119 |
| As três virtudes..... | 120 |
| A face do inimigo..... | 122 |
| Nunca soltarei suas mãos | 124 |
| Poeira no vento..... | 126 |
| Até que a morte nos separe | 128 |
| Espaços vazios..... | 128 |
| A tatuagem | 130 |
| O tendão de Aquiles..... | 131 |
| A chave do meu coração..... | 134 |
| Oculto pelas nuvens..... | 136 |
| Álbum de Família | 140 |

Agradecimentos

Quero expressar meus sinceros agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste livro. Em alguns momentos precisei recorrer aos meus amigos e a pessoas que conviveram comigo, a fim de relembrar detalhes, diálogos e situações vividas há muitos anos.

Nunca passou pela minha cabeça escrever um livro, e só o fiz por incentivo do meu amigo e irmão Manoel, popular Alemão. Em uma de nossas conversas, ele usou um forte argumento para me convencer: “Seus netos precisam conhecer a sua história.” Confesso que relembrar meu passado muitas vezes foi doloroso. Precisei parar diversas vezes, e cheguei a ficar meses sem escrever. Acho que me tornei emotivo, e muitas páginas inevitavelmente foram regadas com lágrimas. Contudo, dar continuidade ao livro tornou-se uma necessidade.

Enfim, as páginas seguintes revelam acontecimentos e detalhes da minha vida com a Solange nunca mencionados antes.

Prefácio

*A*o longo da minha vida, eu tive alguns privilégios. Confesso que conhecer o meu amigo e irmão do coração Reynaldo em grande medida seja um dos mais marcantes. O Reynaldo é uma pessoa simples, de um caráter ilibado, que cativa a todos no primeiro olhar.

Preceitos como o amor, o respeito e a honestidade, herdados de seus pais, alicerçam seu princípio de vida. Por sua vez, constituiu uma família admirável, motivo que o incentivou a redigir este livro. Esta obra nos conduz a um universo carregado de fortes emoções, dentro de um contexto absolutamente fidedigno, de uma vida vivida em sua plenitude.

A cada capítulo, uma nova experiência, onde podemos conhecer as conquistas e aprendizado que alteraram definitivamente a visão de mundo do autor. Assim, a leitura deste livro nos incita a reavaliar nossas vidas e a valorar aquilo que realmente importa: a família.

MANOEL TEOTÔNIO DE SOUSA NETO
(ALEMÃO)

As lembranças

Absorto em pensamentos, percebo que meus cinco sentidos podem me remeter a algum momento do meu passado. Um perfume, uma imagem, uma música... Qualquer traço destes faz minhas lembranças retrocederem como um filme, e passo a reviver situações há muito guardadas em algum canto da minha memória. Me pego constantemente pensando no passado, buscando nas lembranças momentos verdadeiramente importantes na minha vida e, a partir daí, descobrindo onde eu ancoreo a minha felicidade, e quem ou o que é o meu porto seguro.

Naturalmente, ao longo dos meus sessenta anos vividos e completados há pouco, passei por muita coisa e tenho tanto a contar: minha infância, meus avós, a primeira escola... Porém, uma época em especial marcou minha vida. Esta é como se fosse o ponto de partida para tudo o que sou hoje e o que consegui realizar.

Lembranças dessa época em especial vieram à tona dias atrás, quando resolvi tomar um café em uma panificadora próxima de casa. Sentei-me a uma mesinha, num canto do estabelecimento, e fiz meu pedido. Após tomar meu café, continuei sentado ali, quando me dei conta do aroma de uma fornada de pão que saía. Imediatamente, meus pensamentos foram remetidos para o início da década de 70 — uma época da minha vida que jamais esquecerei. Ah, quanta nostalgia! Se eu pudesse voltar no tempo, certamente voltaria para essa época.

Sou filho primogênito da Dona Dyonisia e do Seu Antônio. Ela, uma mulher pequeninha na estatura, mas gigante no seu amor pela família, e que sempre chamou a atenção por causa de seus olhos azuis, duas gemas de safira que refletem seu amor. Ele, um homem trabalhador, amoroso, a pessoa mais honesta que eu conheci em toda minha vida. Meus pais tiveram uma educação rigorosa e uma infância difícil. Minha mãe, quando menina, precisou trabalhar na roça para ajudar a família. Meu pai, no início da sua adolescência já estava em São Paulo, cursava o SENAI e vendia bananas de porta em porta no bairro do Ipiranga. O dinheiro que ganhava tinha um destino certo: pagar as prestações de um terreno que meu avô adquiriu na Vila Prudente.

Naturalmente, meu pai pretendia dar um futuro melhor e mais confortável para mim e meus irmãos: Rosely, Marcos e Marcelo. Queria que estudássemos. Como ele dizia, “um homem precisa ter um ofício para sustentar sua família”. Desde pequeno eu aprendia com seu exemplo — virtudes que eu levaria para sempre na minha vida.

E eu sabia que somente por meio dos estudos eu poderia um dia ser motivo de orgulho para meus pais, formando uma família, com base nos seus ensinamentos.

Conquistando espaços

O ano de 1970 marcou o início do ginásio e uma fase onde ocorreram algumas alterações comportamentais. Em outubro, eu, Reynaldo, conhecido como “Jacaré”, completaria treze anos. Era um adolescente tímido e inseguro. Não me via como um modelo de beleza, me achava magro e branquelo. Comecei o primeiro ano do ginásio no GEVA – Ginásio Estadual de Vila Alpina, o qual se situava próximo ao Largo da Vila Alpina, que naquela época o pessoal do bairro chamava de Flor do Morro, justamente por ser o nome de uma panificadora local.

O aspecto da escola não era dos melhores. O prédio era malconservado, havia vidros quebrados e a lateral de um dos pavilhões tinha acesso livre e consistia em um terreno, onde a molecada da rua jogava bola e via tudo o que se passava nas salas de aula. No caminho da escola, logo à tarde, eu passava em frente à panificadora Flor do Morro. Naquele horário, estavam sempre assando pão. Parecia que o aroma do pão me acompanhava até a escola, e descobri somente hoje que essa impressão ficou gravada em meu subconsciente — é como um link que me leva direto ao início da década que marcou a minha vida.

No meu ingresso no GEVA, tudo era novo, afinal eu estava sozinho em um ambiente estranho. Para piorar, naquela época, era comum a rivalidade entre turmas de bairros diferentes. Havia uma turma que se chamava “Pau no Pedal” e que ficava todos os dias em frente ao ginásio. Mexiam com os meninos que não moravam na redondeza, eram os

donos do pedaço. Todos os dias, no horário da saída, eles provocavam ou batiam em algum garoto. Claro que um dia chegou a minha vez. Dias depois, foi a vez do Gilberto “Giba”, um garoto moreno, forte, de cabelos crespos, quase pixaim mesmo. Apesar de ser meu vizinho, não tínhamos amizade, porém, essa situação nos aproximou e chegamos à conclusão que devíamos nos unir. Não íamos baixar a guarda. Quase todos os dias nos envolvíamos em brigas na saída da escola. Um dia o Giba me defendia, no outro eu defendia ele e, assim, conquistamos nosso espaço e ficamos conhecidos no meio da galera.

No decorrer do ano letivo, a escola organizou dois bailes a fim de arrecadar fundos para a festa de formatura. Participei dos dois eventos, e foi nestas ocasiões que surgiu o interesse pelos namoricos. Apesar da idade, eu já sabia dançar agarradinho — aprendi isso muito novo, com minhas tias, que sempre me paparicaram. Mas diante das garotas, a insegurança e a timidez ainda atrapalhavam. Eu ficava encostado, observando os meninos e as meninas da escola dançando e sentia um pouco de inveja. Eles formavam grupinhos e eu não pertencia a nenhum, me sentia excluído.

Naquele momento, decidi, definitivamente, que eu precisava mudar meu visual de menininho, fazer coisas diferentes e formar meu próprio grupo de amigos.

A influência musical

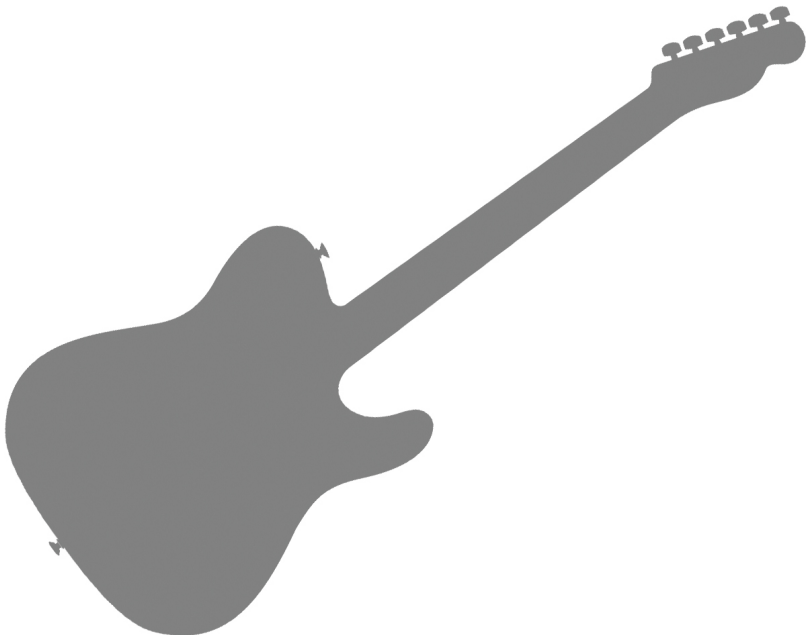
Estávamos no início de 1970, e alguns movimentos culturais influenciavam os jovens naquela época, como o movimento hippie e o psicodelismo. Ainda em meados de 1960, ou seja, na minha infância, surgia no Brasil a famosa Jovem Guarda, movimento que ditou regras de comportamento e introduziu no país uma nova linguagem musical. Desde tenra idade, acompanhei esse movimento, ouvindo as músicas inspiradas no rock and roll de outros cantos do mundo. Além disso, os jovens cantores se vestiam de forma diferente, era um estilo mais ousado para a época, e os cabelos compridos pareciam ser regra. A partir de então, a música tornou-se uma grande paixão na minha vida.

Os principais momentos da minha vida foram marcados por alguma canção. Destaco aqui “California Dreamin’”, do grupo The Mamas & the Papas, sucesso que marcou a época que morei com a minha avó Adelaide e meus tios. No cenário internacional, bandas como The Beatles e The Rolling Stones mudaram o comportamento de uma geração e registraram definitivamente seus nomes na história da música. O movimento hippie também trouxe algumas influências musicais para os jovens da época, como o rock psicodélico e os festivais da Ilha de Wight e Woodstock. Outra característica importante era o modo que os jovens se vestiam: camisas ou camisetas coloridas, jeans desbotados e rasgados, calças boca de sino e adornos geralmente confeccionados artesanalmente.

Eu estava inserido nesse contexto de transformação, e some-se a isto a decisão de mudar meu estilo pessoal. Passei a

ouvir músicas dos Beatles, dos Rolling Stones, de Creedence Clearwater Revival, entre outras bandas, e ouvia falar sobre muitas outras, como Pink Floyd, Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath. Eu nunca tinha ouvido tais bandas (vale lembrar que naquela época o acesso à música não era nem de longe tão fácil como hoje), de modo que os comentários instigavam minha curiosidade. Os meios midiáticos mais populares na época eram o rádio e a TV — Internet? Nem sonhávamos com isso! O grande problema é que a mídia raramente difundia bandas que estavam na boca dos mais “cults”, sendo assim, para ouvi-las, eu precisava comprar os discos.

Pronto, estava decidido: dali pra frente eu iria ouvir e ser do rock and roll. Só precisava formar minha turma e mudar meu visual.



O fim da infância

No quintal do Giba morava um garoto chamado Valter — moreno, cabelos ondulados e muito divertido. Nossa amizade começou no último ano do ensino fundamental. No recreio, alguns garotos queriam bater nele, eu sabia que ele era meu vizinho, então fui lá, comprei a briga e joguei um dos meninos no meio de um canavial que tinha ao lado do pátio. Daquele momento em diante, ficamos amigos.

Comecei a notar um garoto novo na vizinhança. Volta e meia ele estava em frente à minha casa conversando com a minha irmã e uma coleguinha dela chamada Izabel. Percebendo que eu estava de olho nele, e com receio de briga, ele resolveu se aproximar e puxar conversa. Seu nome era Manoel “Alemão”, um menino de cabelos claros e de jeito muito simples. Tinha chegado recentemente da cidade de Santa Cruz de Monte Castelo – PR. Falamos sobre diversos assuntos e, em certo momento, ele falou em Roberto Carlos e do seu gosto por música. Suas influências musicais eram as mesmas que as minhas, e isso selou nossa amizade.

Dias depois, o Alemão me apresentou seu irmão José Carlos “Feição”, três anos mais velho que nós e da mesma forma uma pessoa muito simples. Meu círculo de amizade estava crescendo! Mas, e o Giba, onde ficou nessa história? No início o Giba também era da turma. Porém, certo dia, ele e o Feição se estranharam e acabaram saindo no braço, brigaram feio. Nesse momento, eu fiquei do lado do Feição, por entender que o Giba estava errado. Nossa amizade não acabou; contudo, ele tomou outros rumos.

Então parei com as brincadeiras: bola, pipas, estilingue e as diversões de rua, estas coisas foram ficando para trás. Comecei a me interessar por bailes, rock and roll e as namoradinhas. Aposentei os shorts e o velho par de Kichute — misto de tênis e chuteira, lançado pela Alpargatas em meados de 1970 — e dei lugar à calça boca de sino, às camisas coloridas, camisetas desbotadas, aos tênis e coturnos e, posteriormente, às eternas calças jeans. Deixei o cabelo crescer, longas madeixas ocupavam agora o lugar do tradicional corte americano: estilo militar, muito usado pelos meninos da época. Definitivamente era o fim da infância!



“Apesar de todos os percalços, nunca perdemos a fé. O início de um novo tratamento nos encheu de esperanças. Minha guerreira estava pronta para mais uma batalha nesta guerra contra um inimigo impiedoso. Por outro lado, esse cruel inimigo aliou-se a outros, formando uma poderosa coalizão — não pretendia ceder a vitória, usaria de todos os artifícios e armas para se impor. Covardemente, os vários inimigos usaram de todos os estratagemas na tentativa de intimidá-la e acovardá-la. Era possível enumerá-los, cada um em sua posição, aguardando o momento oportuno para agir: a doença, empunhando sua arma mais letal — sua voracidade; a ferida, trazendo como seu maior recurso a dor; e o tempo, com sua relatividade — algo impossível de segurar.”

E chamo por você através do céu é uma obra que fala sobre o amor, mostrando que, mesmo neste mundo louco e de valores invertidos, ainda é possível um casal se encontrar na adolescência, se amar a vida inteira como no primeiro dia e enfrentar qualquer situação, sem jamais desistir.

